

Chegou a hora da bonança

Passado o auge da recessão, gestores buscam empresas com boas histórias *Por Rejane Aguiar*

O desenho dos fundos de ações geralmente permite que os gestores montem carteiras com as quais acreditam que podem superar os retornos dos principais índices da bolsa, sem compromisso com a replicação das carteiras teóricas. A ideia básica é encontrar no mercado ações de companhias que tenham boas perspectivas e que estejam subvalorizadas. Um cenário pós-recessão, portanto, é amplamente favorável para esses fundos, na medida em que podem ter em carteira ações de empresas que voltaram a lucrar de forma consistente e que foram compradas a preços convidativos durante os piores momentos da crise.

A gestão de fundos de ações no Brasil certamente não foi uma atividade fácil de 2013 a 2016. O período foi marcado por forte recessão e acentuada indefinição política - envolveu, por exemplo, a deflagração da Operação Lava-Jato e a conturbada passagem do governo Dilma Rousseff para o de Michel Temer -, cenário muito ruim para o desempenho das ações na bolsa. Pouco depois a situação se acalmou e, usando como ferramentas uma boa análise fundamentalista para as empresas e um acompanhamento próximo do ambiente macroeconômico, os gestores conseguiram, de maneira geral, retomar o caminho dos bons retornos para os cotistas.

O Leblon Ações Fundo de Investimento em Cotas de Fundos de Investimento em Ações, um dos destaques no presente guia, é o mais antigo - e principal - fundo da Leblon Equities, segundo Pedro Rudge, um dos sócios da casa. "O horizonte desse fundo é de longo prazo e, por isso, as ações das empresas selecionadas pelos gestores ficam muito tempo na carteira, em média, 2,5 anos", afirma Rudge. Entre 15 e 20 companhias, em geral, compõem a carteira do fundo, que em 11 anos de existência conseguiu operar descolado tanto do Índice Bovespa (Ibovespa) quanto do IBrX.

Fundo de Ações

10 com melhor relação risco retorno

Charles River FIA	Charles River Investimentos Ltda.
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
Reach FIA	Reach Capital Investimentos Ltda.

5 maiores patrimônios

...	...
...	...
...	...
...	...
...	...

5 com mais cotistas

...	...
...	...
...	...
...	...
...	...

De acordo com Rudge, para a composição do fundo tem especial importância a seleção do que chama de "boas histórias". "Estamos sempre em busca de empresas que vão maturar independentemente das circunstâncias do cenário", destaca. A casa recorre a uma análise fundamentalista para encontrar os preços justos das ações e compará-los aos preços de mercado dos papéis. "Quando o preço de determinado papel se aproxima do que calculamos como preço justo, ponderamos se vale a pena comprar."

Rudge ressalta que a melhora do cenário para a bolsa coincidiu com a disseminação das plataformas de investimento, o que elevou a quantidade de cotistas dos fundos da Leblon Equities de 400 para 17 mil em apenas três anos. No caso específico do Leblon Ações FIC FIA, as aplicações no fundo master são restritas a inves-



Campos, da Reach: em busca do retorno absoluto

Rudge, da Leblon:
de olho em
empresas que
vão maturar



tidores qualificados, mas a casa tem um fundo gêmeo (o Leblon Ações II) voltado ao público em geral.

Também listado no ranking, o Polo II Fundo de Investimento em Cotas de Fundos de Investimento em Ações investe por meio do Polo FIA, um fundo master lançado ainda em 2003, ano de fundação da casa. De acordo com a sócia da Polo Capital Management, Nicole Vieira, o objetivo do fundo Polo II é entregar aos cotistas um retorno sem qualquer correlação com os índices da bolsa, obtido através de uma estratégia que envolve bastante volatilidade. Ela diz que esse fundo é destinado a investidores que estejam dispostos a assumir os riscos da operação no mercado acionário esperando, como compensação, retornos proporcionalmente também elevados. A casa adota a análise fundamentalista microeconômica para selecionar os papéis que o fundo vai comprar.

Vieira destaca a importância do fato de o fundo contar com o mesmo time de gestão desde o início. “Estão à frente desse trabalho quatro sócios da Polo, profissionais que têm autonomia para tomar decisões em suas

áreas. Mas contamos também com um comitê de investimentos que se reúne periodicamente”, informa. Segundo a sócia, o fundo opera alavancado e pode ter exposição bruta de no máximo 300% do patrimônio. O público-alvo é formado por investidores qualificados.

A análise fundamentalista microeconômica igualmente baseia as escolhas para a carteira do Reach Fundo de Investimento de Ações, da Reach Capital, de acordo com Ricardo Campos, principal executivo da casa. Isso não significa, entretanto, que seja deixado de lado o acompanhamento do cenário macroeconômico. “Com essas ferramentas, queremos oferecer ao investidor um retorno absoluto, descolado dos índices da bolsa”, afirma. Segundo ele, o fundo nasceu voltado a investidores qualificados e tendo como benchmark a variação do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) mais 6% e, depois de algum tempo, passou a ser destinado ao público em geral, investidores interessados em obter um retorno superior ao do Ibovespa.

A gestão do fundo tem, conforme ressalta Campos, flexibilidade para

compor a carteira de maneira a contornar eventuais cenários desfavoráveis. “No período da recessão mais aguda, nos voltamos para papéis de empresas que têm atividades menos correlacionadas com o mercado interno – exportadoras, por exemplo”, relata. Já num segundo momento, de recuperação das operações das companhias, os gestores passam a procurar empresas que contam com “os melhores executivos para tocar os negócios.”

Proximidade com as empresas investidas, aliás, é um ponto importante na gestão desse fundo de ações da Reach. “Sempre procuramos conhecer os administradores das companhias, os fornecedores, os clientes, na prática mesmo. Isso nos ajuda a entender se o investimento nas ações faz sentido de acordo com os objetivos de entrega de retorno para os cotistas”, afirma Campos. Não é para menos, já que, em média, as ações permanecem de dois a quatro anos no portfólio. Hoje a carteira tem entre 12 e 18 companhias. O fundo, que está disponível nas plataformas de investimento, tem aplicação mínima de R\$ 5 mil. ■